

**Experienciando a modernidade: a tragédia da
cultura e as crises do tempo na obra de
Georg Simmel**

**Experiencing modernity: the tragedy of culture and
the crises of time in the work of Georg Simmel**

Edmo Videira Neto¹

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Programa de Pós-graduação em História na linha de pesquisa Patrimônio, Ensino de História e Historiografia. E-mail: edmo.videira@gmail.com.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as configurações da experiência temporal moderna elaboradas pelo autor alemão Georg Simmel (1858-1918) ao longo de sua produção intelectual. Sendo assim, escolhemos o conceito de tragédia da cultura como articulador de nosso enredo, pois ele tangencia os inúmeros elementos da vida moderna que foram narrativizados por Simmel. Tendo como pressuposto a ideia de que a modernidade experienciada pelo autor alemão é permeada por diversas crises e tragédias, nos propomos a realizar um caminho que vai da definição do trágico e seu impacto na cultura moderna europeia até a forma de se experienciar esses fenômenos temporais que, na obra de Simmel, podem ser lidos a partir de suas reflexões sobre o dinheiro e as grandes cidades. Portanto, nossa hipótese é que o conceito simmeliano de trágico bem como sua recepção nos elementos do cotidiano são sintomas característicos da experiência de nosso autor durante sua existência nesse mundo moderno europeu.

PALAVRAS-CHAVE: Georg Simmel; Modernidade; Experiencia; Temporalidade; Tragédia da cultura.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the configurations of the modern temporal experience elaborated by the German author Georg Simmel (1858-1918) throughout his intellectual production. Therefore, we chose the concept of tragedy of culture as the articulator of our plot, as it touches on the countless elements of modern life that were narrativized by Simmel. Assuming the idea that the modernity experienced by the German author is permeated by several crises and tragedies, we propose to carry out a path that goes from the definition of the tragic and its impact on European modern culture to the way of experiencing these temporal phenomena that, in Simmel's work, can be read from his reflections on money and big cities. Therefore, our hypothesis is that the Simmelian concept of tragic as well as the perception of it in the elements of everyday life are characteristic symptoms of our author's experience during his existence in this modern European world.

KEYWORDS: Georg Simmel; Modernity; Experience; Temporality; tragedy of culture

Introdução

O intelectual alemão Georg Simmel (1858 - 1918) escreveu diversos livros, ensaios e textos para periódicos. Mas somente um de seus sonhos foi descrito por seu filho. Ele ilustra bem como o autor percebia a modernidade, cuja temporalidade era seu palco de atuação e objeto de análise:

Eu sonhei que haviam descoberto o tempo sintetizado. Inicialmente ele só podia ser produzido aos minutos, exatamente como os diamantes artificiais, que também só se pode obter em cristaizinhos bem pequeninos. Quando, por exemplo, se chega ao metrô e o trem está partindo imediatamente, basta tirar uma caixinha de tempo e riscar um palito de tempo. Então se obtém um minuto e ainda se pode alcançar o trem. (SIMMEL, 1976, pp. 259-260 *apud* WAIZBORT, 2000, p. 309)

O sonho de Simmel é repleto de elementos que caracterizam sua modernidade trágica. O tempo acelerado, que pode ser combatido com o tempo sintetizado, o metrô, uma das marcas das novas cidades grandes e, principalmente, a necessidade de estar sempre correndo atrás de um trem que já partiu. Essas descrições ricas e metafóricas de aspectos da sociedade caracterizam a obra de Simmel. Mais do que isso, mostram a marca de um autor que filosofava sobre os elementos do cotidiano, ou seja, as experiências da vida moderna.

É essa modernidade trágica, em que o tempo parece ter sido acelerado criando para o sujeito uma crise em seu interior que pretendemos analisar neste texto. Por isso, um questionamento se apresenta como incontornável em nosso trabalho: como Simmel concebe a crise da modernidade enquanto algo pertencente à sua experiência do tempo, contingencial, e que perpassa diferentes níveis da vida? A proposta é entender a modernidade como esse amplo escopo

de crises, sendo a maior delas representada pelo conceito de tragédia da cultura. A questão que se abre para a análise é entender como neste espaço de tempo específico, momento de vida e produção de Simmel, essas inúmeras crises não são somente sentidas pelo nosso autor, mas também configuradas por ele em forma de narrativa. Portanto, temos dois objetivos a serem desenvolvidos: um diagnóstico da condição temporal moderna e as possíveis soluções para seu caráter trágico.

Inicialmente, uma indagação é importante para pensarmos essa sociedade moderna de Simmel: como o conceito de tragédia da cultura atua na elaboração da visão do autor alemão sobre a modernidade? Se pensarmos a questão de uma outra forma, entenderemos que o objetivo proposto por nós é compreender como Simmel elabora um conceito de cultura que, por conta das condições temporais da modernidade, se torna trágico e, a partir deste dilema, reconfigura uma concepção moderna de tragédia. Partimos desse questionamento porque entendemos que a análise cultural de Simmel está diretamente ligada com sua formulação de um conceito moderno de trágico. Além disso, nossa hipótese é a de que sua tragédia é algo constituinte da modernidade e inserida em um determinado espaço de tempo.

Para realizarmos este percurso, iniciaremos agora a explanação sobre a ideia de cultura elaborada por Simmel, bem como a sua dimensão trágica e, posteriormente, discutiremos como o dinheiro se apresenta como símbolo do processo trágico e a cidade grande se torna seu espelho.

A cultura e sua tragédia: Simmel e a ressignificação do trágico na modernidade

Primeiramente, é importante salientarmos que o sujeito moderno, inserido em sua cultura, sofreria daquilo denominado por Simmel de neurastenia. De

acordo com Arthur Bueno, a neurastenia seria “uma condição psicossocial marcada pela oscilação entre urgência e exaustão, saturação e insuficiência” (BUENO, 2019, p. 3) que marcaria toda a vida moderna. Ainda de acordo com o comentador, este fenômeno poderia “levar a essa oscilação entre sentimentos ‘de tensão, expectativa, de urgência não resolvida’ e de ‘tédio e decepção mortais’ que Simmel designou com a noção de neurastenia” (BUENO, 2019, p. 11). Sempre atento aos movimentos de seu cotidiano, o autor alemão foi cirúrgico em identificar essa condição patológica da modernidade que se exprime no indivíduo habitante das grandes cidades. Aquela hiperaceleração da sociedade, que Simmel mapeia em seu sonho citado anteriormente, ocasionaria essa mescla de sentimentos, tensões e ansiedades resultantes de um novo tempo que era experienciado pelo sujeito moderno. Portanto, é no meio deste contexto onde tudo muda rápido demais e o sujeito não consegue assimilar tais transformações, que Simmel apresentaria para nós seu conceito de cultura.

Se fossemos definir de uma forma objetiva o conceito simmeliano de cultura, provavelmente utilizaríamos as palavras que o autor elabora em seu clássico ensaio *“O conceito e a tragédia da cultura”* (1911). De acordo com Simmel, a cultura pode ser entendida “como o caminho da alma em direção a si mesma” (SIMMEL, 2014, p. 145), ou seja, é um processo que parte do sujeito, realiza um cultivo nos objetos e retorna novamente para o sujeito. Em outras palavras, poderíamos entender esse movimento como um círculo cultural não vicioso, no qual o espírito que retorna para o sujeito é diferente daquele que saiu, se constituindo como uma instância subjetiva aperfeiçoada pelos mecanismos do espírito objetivo. Desta forma, “a cultura nasce [...] quando dois elementos se reúnem e nenhum deles a contém em si: a alma subjetiva e a criação espiritual objetiva” (SIMMEL, 2014, p. 145). Podemos compreender que a cultura é essa

dialética entre sujeito e objeto, em que o primeiro sempre busca um cultivo cultural nos diversos objetos oferecidos pela modernidade.

Se esse sujeito pode ser caracterizado como o indivíduo moderno, marcado pela patologia identificada por Simmel como neurastenia a qual chamamos a atenção anteriormente, precisamos agora entender quais são os objetos. Segundo o autor alemão, as instâncias objetivas seriam “a arte e moral, ciência e objetos conforme fins, religião e direito, técnica e normas sociais” (SIMMEL, 2014, p. 147) e elas cumpririam a função de ser “estações pelas quais o sujeito tem de passar para adquirir este valor específico que é sua cultura” (SIMMEL, 2014, p. 147). O espírito objetivo seria formado por essas estações que foram legadas pela tradição cultural, mais do que isso, são estruturas atemporais que constituem a humanidade antes mesmo do sujeito adquirir uma consciência. Em outras palavras, são as estruturas pré-formadas que o mundo oferece para nós. A metáfora que Simmel utiliza para definir aquilo denominado de cultivo da cultura é bastante interessante e esclarecedora de todo esse processo. Segundo o autor, “chamamos de cultivada uma fruta do pomar obtida com o trabalho do jardineiro a partir de uma árvore frutífera lenhosa e insípida: ou também: essa árvore selvagem foi cultivada para se tornar uma árvore frutífera” (SIMMEL, 2014, p. 146). A fruta, neste caso, passou por todo o processo de cultivo, desde a plantação até a colheita para que pudesse ser utilizada pelo jardineiro. O processo de cultivo da cultura ocorre de forma semelhante, mas neste caso, o indivíduo é aquele que recebe os cuidados das estações objetivas do conhecimento para, ao final do processo, se tornar alguém cultivado, semelhantemente à fruta no pomar do jardineiro.

O problema é que essa definição de cultura não funcionaria na modernidade acelerada vivida por Simmel. Ou melhor, esse processo de cultivo que exige cuidado, tempo e paciência não se encaixaria com o ritmo moderno,

frenético, tenso e rápido. É por isso que Simmel identificaria na modernidade o momento em que essa ponte que liga o espírito subjetivo às instituições objetivas seria rompida. Estamos diante, portanto, da chamada tragédia da cultura. E Georg Simmel caracterizou este processo entendido como trágico da seguinte maneira: “há no interior da estrutura dessa cultura uma fenda que certamente já está presente em seu fundamento e que faz da síntese sujeito-objeto, o significado metafísico de seu conceito, um paradoxo e mesmo uma tragédia” (SIMMEL, 2014, p. 155). Portanto, percebemos que a tragédia da modernidade tem origem na própria cultura, ou seja, é inerente ao movimento do cultivo. Talvez seja justamente por esse fator que Simmel tenha elaborado a seguinte reflexão: “pois como destino trágico – ao contrário de um destino triste ou destruidor vindo de fora – nós denominamos o seguinte: que as forças de destruição dirigidas contra um ser tenham origem nas camadas profundas desse mesmo ser” (SIMMEL, 2014, p. 160). O destino da cultura moderna, portanto, tem origem na sua própria essência. É lá que a fenda se rompe, fazendo com que a ponte do cultivo seja quebrada.

Sobre esse tema, concordamos aqui com Waizbort, quando nos chama a atenção para o fato de que “a tragédia da cultura é essa transformação descontrolada e desintegradora dos meios em fins: o homem, o verdadeiro fim, torna-se meio; o objeto, o verdadeiro meio, um fim em si mesmo” (WAIZBORT, 2000, p. 128). Esse processo de transformação dos meios em fins foi amplamente tematizado por Simmel e pode ser entendido como uma marca de seu tempo histórico. Com o processo moderno da tragédia da cultura, os objetos se transformam em fins absolutos, deixando de lado a característica formativa e de cultivo que possuíam antes da quebra do caminho da cultura. Esse processo levaria àquilo que Arthur Bueno identificou nas interpretações de Simmel como “um diagnóstico da sociedade moderna em termos de uma atrofia da cultura

individual pela hipertrofia da cultura objetiva” (BUENO, 2019, p. 17). O indivíduo dos tempos de Simmel se via diante de inúmeros objetos, várias instâncias nas quais ele poderia buscar o seu cultivo. Entretanto, essa infinidade de objetos faria com que esse mesmo indivíduo se perdesse na tensão e velocidade da modernidade. Vários eram os objetos, mas todos tratados como fins.

Se Simmel denominou esse processo de transformação dos meios em fins de trágico, cabe a nós refletirmos sobre o que o autor alemão concebe por tragédia. Partimos aqui da interpretação oferecida por Fréderic Vandenbergh, pois segundo ele, “o que Simmel chama de tragédia da cultura [...] não passa de uma particularização da tragédia universal da vida” (VANDENBERGHE, 2018, p. 79). Neste sentido, acreditamos que a tragicidade abordada por Simmel possui uma conexão entre o universal e o individual representados por essa relação entre a universalidade da vida e a individualidade da cultura, como bem nos apresenta a citação acima. Por isso, concordamos que a ideia de tragédia da cultura se insere no amplo espaço demarcado como época pela modernidade. É a tragédia dessa forma de vida que Simmel particulariza na cultura de sua época. Mais do que isso, a forma trágica de Simmel possuiria uma especificidade própria. Como muito bem nos aponta o autor Peter Szondi sobre os pensamentos de Simmel, “essa visão [da tragédia] torna possível não só se compreender como trágicos os diversos fenômenos trágicos em sua estrutura comum, como também preservar a sua particularidade” (SZONDI, 2004, p. 72). A tragicidade moderna identificada por Simmel se configura nos elementos particulares e, ao compreendê-los, o autor ressalta e se debruça sobre os aspectos que tornam aqueles mínimos fenômenos, expressões e representações de várias tragédias. O interessante é perceber justamente os movimentos realizados por Simmel para identificar nos detalhes essas particularizações gerais das tragédias universais da

vida que são expressas na cultura. Portanto, acreditamos que para Simmel “o trágico moderno não é, nem pode ser, de uma ordem equiparável à tragédia clássica” (GRÜNER. 2016, p. 306). Ao identificar a tragédia particular da cultura como expressão do trágico total da vida moderna, Simmel abre a possibilidade de refletirmos sobre a reconfiguração do conceito de tragédia, pois o que Simmel elabora é diferente da tradição grega clássica.

Se levarmos a diante esta diferenciação, podemos entender que a obra de Simmel oferece uma abertura para repensarmos as especificidades do trágico na modernidade. Como bem nos aponta Eduardo Grüner ao interpretar o conceito de trágico na obra simmeliana:

“a tragédia não é mais as aventuras extraordinárias do herói excepcional que revela os perigos que ameaçam a todos e dos quais poderíamos nos purgar por meio de uma catarse aristotélica, mas está difusamente inscrita no cotidiano trivial do ‘homem comum’” (GRÜNER. 2016, p. 309).

A tragédia da modernidade não é aquela que pode ser assistida no teatro clássico. Ela não narra a saga de um herói que, mesmo depois de enfrentar diversos percalços e dificuldades, encontra ao fim da trama a reconciliação com o mundo e seu final vitorioso. A tragédia moderna não possui tempo para a construção desse enredo, muito menos para oferecer a síntese reconciliadora aos seus indivíduos. Ela é filha de sua época e abarca todos os elementos da vida, desde a asa do vaso até a grande guerra, passando pelo dinheiro, as cidades e os alpes. O indivíduo moderno não tem escapatória e Simmel consegue encontrar em cada banalidade cotidiana deste indivíduo, o aspecto trágico da experiência moderna. Sendo assim, “a tragédia da cultura é uma reprodução no plano histórico do caráter trágico da vida” (VANDENBERGHE, 2018, p. 186), ou seja, é a totalidade sendo expressa no indivíduo, na formação de cada sujeito.

O ato trágico da modernidade não tem fim, sua dialética não oferece síntese e o espírito de seu indivíduo não consegue mais se subjetivar nos objetos para realizar o caminho da cultura. Portanto, o herói grego é diluído na tragédia moderna a partir da homogeneização das pessoas e das identidades, criando assim, um sujeito moderno e universal, automático, que consegue se adequar à velocidade de seu tempo e perseguir seus objetivos custe o que custar. É um mundo sem heróis, desencantado consigo mesmo. E como nos mostra Ramón Torre, “o filho da tragédia simmeliana sofre de confusão e cansaço, de desorientação e de excessos nervosos. Ele é jogado em um mundo em que o absurdo prevalece” (TORRE, 2000, p. 55). E desta iminente tragédia da cultura que reproduz no plano cultural o caráter trágico da vida, surge o sujeito moderno fruto da confusão e do cansaço. E esse indivíduo que sofre da neurastenia, que sonha, assim como Simmel, em ter um tempo condensado para “parar o tempo”, e que não consegue mais realizar o caminho da cultura, aparece como o personagem principal das tragédias triviais do dia a dia que são ensaiadas por Simmel.

Como o autor alemão nos apontou em seu clássico texto sobre a tragédia da cultura, “assim surge a típica situação problemática do homem moderno: o sentimento de estar rodeado de uma infinidade de elementos culturais que não são nem indiferentes, nem no fundo, significativos para ele” (SIMMEL, 2004, p. 160). Temos então, a era da indiferença, marcada pela nostalgia de um passado que não existe mais e pela tentativa de uma reconciliação utópica do sujeito com a cultura, em busca de um futuro que ressolveria o problema da tragédia da existência. E de acordo com Leopoldo Waizbort, “o processo da cultura está inscrito na dialética de sujeito e objeto, que marcam os polos opostos e insolúveis desse processo. Essa dialética oscila entre a nostalgia e a antecipação de uma reconciliação” (WAIZBORT, 2000, p. 118-119). Ironicamente, Simmel pode ser

entendido como o tipo ideal desse sujeito moderno. Nostálgico por um passado onde o caminho da cultura era realizado e que não existe mais, ansioso por uma reconciliação utópica da cultura. No meio do passado e do futuro existe o presente trágico de Simmel que parece condenar seus habitantes à uma prisão eterna nesta temporalidade caótica. Por isso, “nostalgia e antecipação são como uma cabeça de medusa que olha para lados opostos. Em meio a isso permanece a dialética sem conciliação” (WAIZBORT, 2000, p. 119). E se continuarmos utilizando a metáfora proposta, poderíamos dizer que essa medusa parece ter petrificado o sujeito moderno em seu eterno presente, veloz no tempo do relógio, mas parado no tempo da formação individual.

Após compreendermos como o conceito de cultura e sua tragédia imanente são as bases da teoria da modernidade de Simmel, chegou a hora de analisarmos como o aspecto trágico se manifesta de maneira prática. Para realizarmos tal tarefa, usaremos as reflexões de Simmel sobre o dinheiro, visto por ele como o maior símbolo da transformação dos meios em fins. Mas o dinheiro não pode ser pensado separadamente de seu lugar de circulação e atuação: as grandes cidades. Portanto, o que nos propomos a fazer é entender a seguinte questão: como o dinheiro e sua relação com as grandes cidades funcionam como a demonstração prática da tragédia da cultura na modernidade de Simmel? Para refletirmos sobre este questionamento é necessário termos em mente que Simmel sempre esteve preocupado com sua temporalidade, sendo quase um “historiador do presente” e que viu no dinheiro a alegoria máxima para sua teoria filosófica da cultura.

O símbolo e o espelho: o dinheiro e as grandes cidades na modernidade de Simmel

Simmel dedicou grande parte de seus trabalhos a realizar uma reflexão teórica e filosófica sobre a modernidade. O texto sobre a tragédia da cultura é um dos exemplos destas reflexões. Entretanto, uma das facetas mais interessantes do autor alemão era buscar nos fenômenos práticos de seu cotidiano as explicações para o processo trágico que identificava em sua cultura. Uma dessas explicações é com relação ao dinheiro, fenômeno que passava a dominar a época de Simmel. Portanto, se a teoria da tragédia cultural simmeliana possui um caráter prático, ele se encontra no dinheiro. Mais do que isso, o dinheiro é o símbolo dessa modernidade trágica analisada por Simmel. Não à toa, nosso autor escreveu uma das suas maiores obras com o nome de “*Filosofia do dinheiro*”² (1900), onde buscou apresentar uma análise detalhada desse fenômeno moderno.

Mas as reflexões de Simmel não ficaram restritas a esse livro. Desde o final do século XIX ele já elaborava a sua filosofia da cultura e escrevia textos sobre o problema do dinheiro na sociedade moderna. Já em seu ensaio intitulado “*O dinheiro na cultura moderna*” (1896), nosso autor define muito bem a relação do dinheiro com esse novo estado de espírito moderno. Segundo ele: “daí a inquietação, o caráter febril e ininterrupto da vida moderna, a qual encontra no dinheiro a roda incessante que faz da máquina da vida um *perpetuum mobile*” (SIMMEL, 2013, p. 64). O dinheiro seria essa estrutura final de uma engrenagem, aquilo que permite a roda da modernidade continuar girando. Em um pedaço de papel, são personificadas todas as inquietações do sujeito moderno, por isso, “o dinheiro não apenas equaliza o que é distinto, senão que é símbolo de um processo histórico que impregna o presente vivido por Simmel” (WAIZBORT, 2000, p. 143). O autor alemão não se contentou apenas em identificar o dinheiro

² Por conta do tempo e das complexidades que uma análise deste livro envolveria, optamos por não abordá-lo nesse artigo. Na verdade, essa obra de Simmel merece um trabalho específico dedicado a ela, principalmente por conta da importância de suas reflexões e do momento histórico em que foi escrita.

como esse símbolo. A metáfora que ele traz para nós é mais uma de suas importantes definições apresentadas. Segundo Simmel, “o dinheiro seria o Deus de nossa época” (SIMMEL, 2013, p. 64). Ao olharmos hoje para essa comparação, ela parece designar algo banal e naturalizado. Contudo, ao fazer essa referência em finais do século XIX, Simmel já identifica um processo que se aperfeiçoaria no correr dos anos. O dinheiro em sua modernidade já era esse Deus, um objeto universal que dá conta de todas as relações sociais. Em uma época onde os deuses estavam cada vez mais mortos, o sujeito moderno encontrou sua divindade nesse objeto que tem a “impessoalidade e ausência de cor” (SIMMEL, 2013, p. 53) como uma de suas características.

O dinheiro seria o maior exemplo da transformação dos meios em fins que Simmel tanto criticava. Além disso, ele é a personificação no plano prático daquebra do caminho da cultura. Ele é o objeto se transformando em fim, pois tudo aquilo que o homem moderno deseja, pode ser encontrado no papel moeda. Por isso Simmel chegaria à conclusão de que “o dinheiro aproximou o indivíduo muito mais, e de modo muito mais tentador, da chance de satisfação completa de seus desejos” (SIMMEL, 2013, p. 63). Satisfações e desejos que antes eram demorados e passavam por um longo percurso de formação e cultivo da cultura, agora são resumidos em quem tem ou não a posse do dinheiro. Nisso reside a tragédia da cultura no plano prático da vida moderna. Por isso, concordamos aqui com Waizbort quando nos diz que “o papel mediador do dinheiro, que é a sua própria substância, significa que ele ao mesmo tempo separa e une, como a ponte e a porta” (WAIZBORT, 2000, p. 149). Nessa metáfora de união e separação que Waizbort retira das interpretações de Simmel, percebemos esse duplo caráter que o dinheiro assume na modernidade. Ao mesmo tempo em que une os indivíduos e os torna homogêneos em um esforço pela busca deste elemento impessoal, o dinheiro também separa os sujeitos entre aqueles que conseguem

ou não o conquistar. A ponte e a porta funcionam, portanto, como imagens para retratar essa dupla finalidade do dinheiro na cultura moderna.

A mudança social profunda que esse fenômeno monetário proporciona para a modernidade é bem demarcada por Simmel. Para ele, “essa forma de posse controlada a distância, que hoje damos por evidente, só se tornou possível desde que o dinheiro surgiu entre posse e proprietário, dividindo-os e vinculando-os” (SIMMEL, 2013, p. 52). Portanto, a mudança se daria também no âmbito das posses, pois antes do dinheiro, a riqueza era medida por outros meios. Agora, não se conta mais por gado, peles ou terra: a medida universal da modernidade é o dinheiro. Sobre isso, Vandenberghe nos diz que: “abstraindo a qualidade das coisas, o dinheiro acabou por representar o valor das coisas em quantidade pura sob uma forma numérica” (VANDENBERGHE, 2018, p. 143). Graças a esse movimento moderno de quantificar tudo e todos, as formas de medidas se alteram na modernidade, pois como Simmel nos diz, “a pergunta ‘que isso vale’ é progressivamente suprimida pela pergunta ‘quanto vale’” (SIMMEL, 2013, p. 60). Agora, a qualidade e o caráter de um objeto ou de uma pessoa não estaria mais no benefício formativo oferecido para algo ou alguém, mas sim, no seu valor monetário que pode ser adquirido graças ao advento do dinheiro. Mais uma vez, o que anteriormente era um meio para se alcançar algo, se torna um fim em si mesmo, agora, podendo ser adquirido apenas se uma determinada quantia for paga.

Contudo, para Simmel, talvez um dos males mais perversos ofertados pelo dinheiro na modernidade tenha sido a divisão do trabalho. Este processo que já havia sido tematizado por Marx³ anos antes, agora retorna nas reflexões

³ Neste ponto, vale ressaltarmos que, entre “O Capital” (1867) de Marx e “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (1905) de Weber, tivemos uma série de escritos de Simmel sobre o dinheiro além, é claro, de seu livro “A filosofia o dinheiro” (1900). É importante chamarmos a atenção para este fato porque Marx e Weber são autores indispensáveis para se compreender a modernidade. Acreditamos que o mesmo ocorra com Simmel que, mesmo

simmelianas. Segundo nosso autor, o dinheiro favoreceria esse processo de divisão do trabalho, pois

Ao possibilitar desse modo a divisão da produção, o dinheiro atrela inevitavelmente as pessoas, pois agora cada um trabalha para o outro, e somente o trabalho de todos cria a unidade econômica abrangente que completa a contribuição parcial do indivíduo (SIMMEL, 2013, p. 55).

Neste ponto, percebemos aquela dinâmica do dinheiro que alertamos anteriormente. Ele é ponte e porta, pois para que a produção total seja possível, necessita-se dele, e para que o indivíduo trabalhe, ele também é fundamental. Por isso temos a metáfora simmeliana do dinheiro como o Deus da modernidade, pois ele organiza e articula todos os elementos, inclusive a divisão do trabalho. E aqui, concordamos com Waizbort quando ele nos diz que “a divisão do trabalho supõe a existência desse meio de troca comum; na verdade, só com o dinheiro ela pode se desenvolver” (WAIZBORT, 2000, p. 150). Este é um ponto primordial da modernidade que Simmel identificou com maestria. Ao cria um território comum, onde todos ganham e trocam um mesmo elemento, a modernidade prepara o solo para a divisão do trabalho. Na verdade, uma alimenta a outra, tendo o dinheiro como esse mecanismo regulatório. Sem este acordo social imaginário, onde as pessoas aceitam receber e pagar com dinheiro, a divisão do trabalho teria mais dificuldade para se fundamentar, assim como as especializações profissionais.

Além desta questão, vale ressaltarmos que a modernidade é uma época marcada pela especialização do trabalhador e pelo florescimento industrial. E

tendo uma relevância posterior bem menor que esses dois nomes da sociologia, contribuiu muito para a fundamentação e estudo do dinheiro e das dinâmicas sociais no mundo moderno. Inclusive, a relação entre a obra desses três nomes renderia ótimos trabalhos sobre a nova vida na modernidade.

Simmel estava atento a esses fenômenos que mudavam a sua rotina diária. Esse movimento acarretaria em uma nova relação social, pois quando o sujeito não concebe a produção de seu trabalho por inteiro, enquanto uma dinâmica individual, cada pessoa passa a se tornar responsável pela produção de partes de um produto que é uma unidade inteira. E este processo resulta em uma constante separação do produtor de seu produto, pois, de acordo com Simmel: “nenhum tecelão sabe o que tece. O produto acabado contém acentos, relações, valores, de acordo com sua pura existência material, indiferente ao fato de o criador saber antes que este seria o resultado de sua criação” (SIMMEL, 2014, p. 158). É na divisão do trabalho e na especialização técnica que encontramos uma outra forma dessa tragédia da cultura mapeada pelo autor alemão. A antiga relação do produtor com seu produto é rompida, e cada sujeito passa a produzir uma peça de um determinado objeto, sem possuir, contudo, uma relação direta e afetiva com aquilo que está construindo. Para representar essa questão, podemos agora retomar a analogia feita por Simmel entre o cultivo de uma árvore com o cultivo da cultura. Se aquela mesma árvore que foi utilizada para cultivar uma fruta tivesse seu tronco cortado e fosse aplicada na construção de um mastro de navio, ela perderia completamente sua essência. Como diz Simmel: “mas se, ao contrário, talvez, da mesma árvore, produz-se um mastro de navio [...] então não dizemos, de modo algum, que o tronco foi cultivado para se tornar um mastro” (SIMMEL, 2014, p. 146-147). Talvez nenhum outro exemplo defina tão bem a modernidade e a divisão do trabalho quanto esse. Cada vez mais, as várias árvores do tempo de Simmel vão perdendo sua função de gerar frutos cultivados, tornando-se apenas madeira para a produção de objetos. E se antes, apenas o jardineiro produzia suas frutas, ou o navio inteiro, agora, uma pessoa se encarregará do mastro, uma da proa, outra da popa, e assim sucessivamente. Ao fim, teremos o navio da modernidade pronto para navegar, contudo, sem possuir

nenhuma relação com sua tripulação ou com aquele que o criou. A árvore de Simmel que se transforma em um navio é um importante sintoma de seu tempo.

Todas essas questões que discutimos até aqui, sobre a tragédia da cultura, o dinheiro e a divisão do trabalho, necessitavam de um lugar físico específico para acontecerem. E Simmel identificou esse ambiente nas cidades grandes e modernas. Como o próprio autor muito bem nos aponta sobre essa importante questão, “as grandes cidades sempre foram o lugar da economia monetária, porque a multiplicidade e concentração da troca econômica dão ao meio de troca uma importância que não existiria na escassez da troca no campo” (SIMMEL, 2005, p. 578). Portanto, as grandes cidades se caracterizavam como o espelho da modernidade: nelas são refletidos os anseios e as tragédias diárias do sujeito moderno. E de acordo com Simmel, elas possuem uma dinâmica completamente diferente das cidades pequenas ou do campo. É em uma movimentada Berlim do começo do século XX que as trocas econômicas acontecem ininterruptamente e que o dinheiro vai se transformando nesse Deus contemporâneo. Por isso, “o dinheiro sempre foi um fenômeno urbano e é na cidade que ele pode alcançar a plenitude de suas significações” (WAIZBORT, 2000, p. 163). Para que essa roda da modernidade pudesse girar, era necessário que cidades fossem erguidas e povoadas, pois a dinâmica campesina não daria conta de suportar a tensão que essas mudanças sociais acarretavam. Somente de 1871 até 1919, curiosamente o espaço temporal da vida de Simmel, Berlim, sua cidade natal, passou de 826.000 mil habitantes para a incrível marca de 1.928.000 pessoas (WAIZBORT, 2000, p. 312). Um crescimento exorbitante que seria ainda mais acelerado pelo desenvolvimento industrial e a divisão do trabalho.

Simmel sempre esteve atento às mudanças de seu tempo e, especialmente, era fascinado por ensaiar sobre cidades. Roma⁴, Veneza e Florença são exemplos de textos clássicos. Mas nenhuma cidade despertava tanto interesse de nosso autor quanto a sua Berlim da virada do século. Seu ensaio sobre as grandes cidades diz muito desse espírito da época, por isso este era o ambiente da consumação do drama trágico moderno. A cidade grande é onde o dinheiro circula, os trabalhadores são profissionalizados, o espaço da formação (*Bildung*) é diluído e a neurastenia é desenvolvida. Portanto, Simmel diz muito sobre seu tempo, seu presente inquieto e carente de sentidos.

Neste ponto, é importante demarcarmos que toda essa mudança social e crescimento populacional acarretou na dinâmica e na transformação da experiência temporal. Na cidade grande, o tempo era sentido de uma outra forma. Como Georg Simmel nos diz, o tempo e a vida na cidade grande possuem “uma oposição profunda com relação à cidade pequena e à vida no campo, com ritmo mais lento e mais habitual, que corre mais uniformemente de sua imagem sensível-espiritual de vida” (SIMMEL, 2005, p. 578). O ritmo e a experiência do tempo são diferentes e o sujeito moderno percebe isso no seu cotidiano. Somente na grande metrópole era possível ter um sonho como aquele de Simmel que

⁴ Neste ponto, vale a pena apontarmos brevemente para a diferença das interpretações de Simmel sobre a cidade grande, e as cidades clássicas, como Roma. Para o autor, o que diferenciaria esses lugares seria a sobreposição de temporalidades que encontramos nas cidades antigas. Segundo ele, “em Roma, o passado se torna presente para nós, ou também, inversamente, que o presente se torna para nós tão nebuloso [...] como se fosse um passado”. A diferença entre as cidades estaria nas camadas de tempo: enquanto Berlim, grande e moderna, representa o presente perpétuo de desenvolvimento e aceleração, a Roma clássica traduz para Simmel a sensação de historicidade, como uma obra de arte, onde diversas camadas de passado e presente se articulam em um mesmo tempo. Aqui reside a diferença entre a cidade “sem tempo” focada no instante atual (Berlim) e a cidade história, com múltiplas temporalidades que se entrecruzam (Roma). Esta também não deixa de ser uma figuração a partir das cidades da diferença entre antiguidade/classicismo e modernidade. Para mais informações, ver: FORTUNA, Carlos. Simmel e as cidades históricas italianas – Uma introdução. Revista crítica de Ciências Sociais, 67, dezembro 2003, p. 101 – 127, p. 112.

citamos no começo do artigo, onde o desejo maior é conseguir condensar o tempo para alcançar um trem que está partindo.

Sobre este problema da alteração do ritmo da vida e da necessidade de estar sempre em movimento, Simmel nos apresenta um diagnóstico extremamente interessante para sua época e que pode ser usado por nós até os dias de hoje para definir o ritmo acelerado e inconstante presente em nossas vidas: “se repentinamente todos os relógios de Berlim andassem em direções variadas, mesmo que apenas no intervalo de uma hora, toda a sua vida e o tráfego econômicos, e não só, seriam perturbados por longo tempo” (SIMMEL, 2005, p. 580). Esses insights geniais de Simmel são uma marca de sua escrita. Não é difícil imaginarmos o caos que se tornaria se uma cidade tivesse todos os seus relógios paralisados. Pensem nas tarefas mais simples, como entrar e sair do trabalho, pegar um trem ou ir a um cinema, até as relações mais complexas de trocas econômicas, investimentos e decisões que são baseadas no tempo do relógio. Ao dizer que a vida de Berlim seria perturbada por um longo tempo se o tempo do relógio deixasse de existir, Simmel mostra como o sujeito moderno e, porque não ele mesmo, é constantemente perturbado e regulado por um instrumento que convencionamos utilizar para medir o tempo. Infelizmente, Simmel não dedicou mais textos para refletir sobre a predominância do relógio em sua era. Contudo, podemos fazer um paralelo interessante com o dinheiro, extensamente tematizado pelo nosso autor. Relógio e dinheiro são dois meios que, na modernidade, se tornaram um fim absoluto, regulando e domesticando o indivíduo. Sem estes elementos, a cidade grande, as trocas econômicas e a tragédia da cultura não seriam possíveis. Como bem nos aponta Waizbort, “uma organização racional não só do tempo, mas também do espaço, é fundamental para que a vida na cidade grande possa fluir” (WAIZBORT, 2000, p. 320).

Com sua perspicácia característica, Simmel identifica o início de um processo que hoje sentimos de uma maneira devastadora. Tempo e espaço foram colonizados pelo espírito econômico moderno, da divisão do trabalho e da transformação dos meios em fins. E essa organização racional da modernidade é fundamental para que a estrutura funcione. Por isso é inconcebível os relógios de Berlim pararem de funcionar e a vida permanecer a mesma. Não precisamos fazer muito esforço para descobrirmos o que Simmel faria se desembarcasse hoje em uma grande metrópole. Várias das dinâmicas que ele identificou em seu tempo foram aperfeiçoadas. O dinheiro agora, é um número na tela de um celular e o tempo é experienciado como um presente perpétuo. Com as formas diferentes, talvez vivencemos hoje aqueles mesmos dilemas que Simmel encontrou na sua cidade grande. A velha máxima “tempo é dinheiro”⁵, faz total sentido nesse contexto. E acrescentaríamos uma outra esfera nesta equação: tempo, dinheiro e espaço (ou se preferir, modernidade, economia monetária e cidade grande) formam a tríade que regulam a experiência do sujeito moderno. De uma forma ou de outra, esses são os pais da tragédia da cultura. Estas três instâncias relacionadas, atuam no processo de separação do sujeito e do objeto, impedindo que o indivíduo exerça sua formação. Novamente, precisamos dizer:

⁵ Não podemos deixar de nos remetermos aqui ao clássico livro de Max Weber “A ética protestante e o espírito do capitalismo” onde o autor nos apresenta uma sentença importante e que diz muito sobre o capitalismo: “Lembra-te que tempo é dinheiro”. Esta obra prima da sociologia foi escrita em 1905, apenas dois anos depois do ensaio de Simmel sobre as cidades (1903) e cinco anos após “A filosofia do dinheiro” (1900). Não podemos afirmar até que ponto Weber utilizou ou não as reflexões sobre o tempo, o dinheiro e a vida moderna estabelecidas por Simmel, por mais que saibamos da existência de uma relação intelectual e de proximidade entre ambos. No entanto, a similaridade da análise contemporânea apresentada por eles é gritante. Se tempo é dinheiro, como diz Weber, Simmel percebeu essa mutação de ambos na vida mental das grandes cidades. Seja como for, analisar essa relação entre tempo e dinheiro na modernidade a partir de Simmel e Weber renderia um ótimo trabalho. Para mais informações, ver: WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo, Companhia das Letras, 2004, p. 42.

o tempo lento do cultivo e da formação não encabe no tempo rápido da vida moderna.

Por mais que o diagnóstico seja desse lugar povoado, onde o tempo corre e as relações são dinâmicas, Simmel identifica nesse ambiente da cidade um local de solidão. Segundo ele, “em nenhum lugar alguém se sente tão solitário e abandonado como precisamente na multidão da cidade grande” (SIMMEL, 2005, p. 585). Essa ambiguidade de estar rodeado por pessoas, mas mesmo assim se sentir solitário se parece muito com a relação que o sujeito estabelece com a cultura moderna. Mesmo cercado por uma infinidade de objetos, ele não consegue se subjetivar. Assim como no turbilhão de sentimentos e pessoas, ele se sente sozinho e isolado. Somado a esta questão, temos que esse lugar da multidão e das trocas econômicas é o lugar onde o indivíduo é bombardeado por uma infinidade de elementos. Com o advento das vitrines por exemplo, “as mercadorias passam progressivamente a dominar o cenário das cidades. O dinheiro exerce, cada vez mais, o seu papel de símbolo da época” (WAIZBORT, 2000, p. 312). Várias são as mercadorias e as pessoas, mas isso não é suficiente para que esse indivíduo realize o caminho da cultura.

Se as vitrines são a tendência das grandes cidades, podemos entender que “os modernos veem muitas imagens, são bombardeados, ao colocarem os pés para fora de casa, com o fluxo enorme das imagens” (WAIZBORT, 2000, p. 326). A questão que se abre é justamente sobre essa multiplicidade de elementos e imagens que o cidadão moderno consome todos os dias. Talvez seja por esse fator que Simmel tenha se dedicado a construir narrativas por metáforas, ou seja, transformar em imagens literárias suas reflexões sobre a modernidade. Na cidade grande, das vitrines, das imagens e do dinheiro, se realiza a transformação social. Portanto, ela é reflexo da tragédia tematizada por Simmel.

Conclusão

Indicar conclusões definitivas e bem delimitas em um trabalho a respeito de Georg Simmel é sempre uma tarefa complicada. Isso ocorre porque a obra de nosso autor não foi sistemática nem linear, fator que abre a possibilidade para várias interpretações e questionamentos. Entretanto, podemos apontar algumas questões no intuito de encerrarmos o texto aqui proposto.

Primeiramente, em termos gerais, a modernidade compreendida e experienciada por Simmel possui como característica fundamental a ideia de tragédia que a recorta enquanto época histórica e experiência do tempo vivida por seus habitantes. Por esse motivo, a noção de tragédia da cultura é extremamente fundamental na obra simmeliana, pois serve como um termômetro para medir o estado de espírito de sua época. Nesse sentido, percebemos ao longo desta exposição que o foco de Simmel está nas manifestações trágicas de seu cotidiano, fato que pode ser atestado pela observação que nosso realça dos mínimos detalhes presentes em sua modernidade. Nesse tempo acelerado onde o processo de formação e cultivo da cultura não consegue ser realizado, resta ao indivíduo que habita este espaço temporal a imersão completa em inúmeras crises e tragédias.

Por fim, cabe ressaltar as análises detalhadas que Simmel apresenta de dois elementos que contém em si os aspectos trágicos da modernidade: o dinheiro e as grandes cidades. Eles foram abordados como exemplos que refletem este momento de vida e obra de Simmel, pois condensam em si os dilemas enfrentados pelos sujeitos modernos. Portanto, essa modernidade que foi palco dos trabalhos de Simmel apresenta uma ressignificação da experiência temporal para o sujeito moderno. Neste novo momento marcado pela aceleração temporal e quebra do caminho da cultura, resta aqueles que presenciam essas

tragédias vivenciarem uma quebra com as noções antigas de formação e cultivo e, como no caso de Simmel, buscarem alternativas para essa aceleração do tempo que pressiona e tensiona suas vidas cotidianamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, Arthur. **Rationality – Cultivation – Vitality: Simmel on the Pathologies of Modern Culture.** Dissonância: Critical Theory Journal, AOP (Advance Online Publication), p. 1-36, September 2019.

BORISONIK, Hernán (Org). **Georg Simmel, un siglo después Actualidad y perspectiva.** 1.ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2016.

FORTUNA, Carlos. **Simmel e as cidades históricas italianas – Uma introdução.** Revista crítica de Ciências Sociais, 67, Dezembro 2003, p. 101 – 127.

GOODSTEIN, Elizabeth. **Georg Simmel and the disciplinary imaginary.** Stanford University Press. Califórnia, 2017.

GRÜNER, Eduardo. **La tragedia de la cultura uma “cuestión de época”.** In: VERNIK, Esteban. BORISONIK, Hernán (Org). **Georg Simmel, un siglo después Actualidad y perspectiva.** 1.ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2016.

LÜBBE, H. **Politische Philosophie in Deutschland.** Basel/Stuttgart, 1963, p. 220-221. In: WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel.** Editora 34, 1^a edição, São Paulo, 2000.

SIMMEL, Georg. **A crise da cultura.** In: SIMMEL, Georg. O conflito da cultura moderna e outros escritos. Arthur Bueno (org). Editora Senac, São Paulo, 2013.
SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito.** MANA 11(2): 577-591, 2005.

SIMMEL, Georg. **O conceito e a tragédia da cultura.** Crítica Cultural – Critic, Palhoça, SC, v.9, n.1, jan/jun 2014.

SIMMEL, Georg. **O dinheiro na cultura moderna.** In: SIMMEL, Georg. O conflito da cultura moderna e outros escritos. Arthur Bueno (org). Editora Senac, São Paulo, 2013.

SZONDI, Peter. **Ensaios sobre o trágico.** Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2004.

TORRE, Ramon. **Simmel y la tragedia de la cultura.** Reis: Revista Española de Investigaciones Sociológicas, No. 89, Monográfico: Georg Simmel en el centenario de Filosofía del dinero (Jan. - Mar., 2000), pp. 37-71.

VANDENBERGHE, Frédéric. **As sociologias de Georg Simmel.** Petrópolis, Vozes, 2018.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel.** Editora 34, 1^a edição, São Paulo, 2000.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

Recebido em Setembro de 2022.

Aprovado em Novembro de 2022.